

Sebastiana Ponçada Santana
Heron Santana Guimarães

Moytãxö'wãý:
pintura corporal e identidade pataxó

Belo Horizonte
Maio de 2016

Sebastiana Ponçada Santana
Heron Santana Guimarães

Moytãxö'wãy:
pintura corporal e identidade pataxó

Percurso acadêmico apresentado à Universidade Federal de Minas Gerais como requisito parcial para a obtenção do título de licenciados em Línguas, Artes e Literatura pela Formação Intercultural de Educadores Indígenas FIEI/FaE/UFMG.

Orientador: Prof. Dr. Paulo Maia.

Belo Horizonte
Maio de 2016

Agradecimentos

Sebastiana (Ektanay)

Esse trabalho que foi realizado teve colaboração de muitas pessoas, que tornou meu esforço coletivo. Agradeço a *niamisũ* (jesus) por me da saúde e paciência, para continuar na minha trajetória em busca de conhecimentos para ajuda na Educação Escolar Indígena, na minha aldeia. pelas pessoas fotografadas que gentilmente permitiram que suas imagem fossem capturadas. Aos entrevistados Arissana Pataxó e Ajuru Pataxó . A todos os Pataxó da Bahia e Minas Gerais em especial a minha aldeia Boca da Mata, a Escola Indígena Pataxó Boca da Mata, ao meu pai José Raimundo, minha mãe Ana Maria, meus irmãos Edi Marcos, Marcos Edi, Marconis, Marcos, Josiane, Cleidiane Josecleide, Diane, Luciane, em especial também minha sobrinha Raimilly, que em muitas vezes ligava e cantava para mim nos momentos silenciosos no hotel, ao meu avô Manoel Santana, minha avó Antônia Braz. Dedico também ao meu avô Alciso Cristiano, e minha avó Maria Braz que não esta mas entre nós mas sim no plano espiritual, em memorias aos anciãos Pataxó que lutaram pelo território. Meus sincerros agradecimento ao meu orientador Paulo Maia, que me ajudou no desenvolver de minha pesquisar, aos professores do FIEI em especial a professora Maria Gorete Neto, aos professores Marco Scarassatti , Josiley Francisco, Gilcinei e os demais professores do FIEI. e os professores convidados que por aqui passaram e deixaram grandes ensinamentos. Aos demais funcionários do FIEI, a Luciana, aos colegas pataxó que dividimos grandes momentos juntos, aos demais parentes xacriabá, Guarani, Pancararu, que deixaram muitos conhecimentos e que só acrescentou no meu aprendizado estando aqui na Universidade, ao meu colega e dupla Heron Santana. E em especial ao bolsista Gustavo Tanos que ajudou na organização e na formatação do meu trabalho.

Heron

A Deus por proporcionar a vida e suprir todas as minhas necessidades. À escola indígena pataxó Coroa Vermelha que é minha referência como educação escolar indígena, em especial, às professoras Zizélia Ferreira dos Santos e Gabriela de Jesus Souza, que foram minhas guias nesta profissão. Aos entrevistados Arissana e Ajurú e a todos que contribuíram, direta e indiretamente, com seus conhecimentos da nossa cultura Pataxó. A minha colega Sebastiana que contribuiu bastante para o desenvolvimento deste trabalho em dupla. Ao professor Paulo Maia que nos orientou neste trabalho, e ao bolsista Gustavo Tanus que ajudou na formatação e correção do trabalho. Aos meus pais (Célia e Peroá), que foram a minha base, e que passaram apertos para me ver formado. A minha esposa (Ariane) que é meu alicerce.

Sumário

1. Introdução.....	5
2. Histórico do Povo Pataxó	9
3. Formas e matérias da pintura corporal pataxó.....	14
3.1 Matérias	16
O Barro (<i>tawá</i>).....	16
O Jenipapo (<i>mikaré</i>)	17
O Urucum (<i>kanurú</i>)	20
O Carvão (<i>tap'óke</i>).....	24
Talisca e Pincéis	26
3.2 Formas	28
4. A pintura corporal e seus usos.....	32
4.1 Os Jogos Indígenas	33
4.2 Formaturas Culturais	37
4.3 Os casamentos tradicionais.....	39
4.4 Ritual <i>Awê</i>	42
5. Considerações finais	44
Referências	46

1. Introdução

Somos Pataxó e moramos no extremo sul da Bahia, aldeia Boca da Mata, município de Porto Seguro e na aldeia Coroa Vermelha, município de Santa Cruz Cabrália, região denominada pelo não índio marco do descobrimento do Brasil, com aproximadamente 15 mil habitantes dessa região (FUNASA, 2010). Nossas atividades econômicas principais são: a pesca onde utilizamos redes, varas e outros objetos para pegar peixes e mariscos; e o comércio de artesanatos de sementes, penas e madeiras. Em Coroa Vermelha, temos um local turístico para a venda, em que vendemos por atacado para outras aldeias e também para fora de nossas comunidades. Na agricultura cultivamos mandioca, feijão e milho que utilizamos para alimentação.

Inscrevemo-nos no vestibular da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), no curso de Formação Intercultural para Educadores Indígenas (FIEI), na habilitação de Línguas, Artes e Literatura (LAL) e fomos aprovados e, com muitos obstáculos, nos matriculamos. Uma de nossas dificuldades na Faculdade é poder adaptar a uma realidade muito diferente da que vivemos na aldeia, maior é a distância, pois estamos mais de 750 km de distância da universidade.

Iniciamos o curso com expectativas a mil, em busca de um conhecimento inimaginável, algo que nos capacitasse para ajudarmos nossas comunidades, poder “fazer a diferença” em nossas aldeias, podendo contribuir com a Educação Escolar Indígena que tem como principal objetivo ter um ensino específico e diferenciado dentro da realidade do nosso povo.

Mundo novo, pessoas diferentes do nosso cotidiano e conhecendo os parentes de outras aldeias – nossos colegas no curso – estamos em contato com histórias de vida de povos indígenas diferentes a da nossa, que enriquece nossa formação e que nos faz sentirmos dignos de poder estar presente com os nossos parentes.

Estudar na UFMG requer muita persistência, pois, ficar longe da família não é algo fácil, por mais que o curso seja Modular (temos dois momentos na universidade e períodos na aldeia realizando tarefas e trabalhos, e constituindo nosso percurso).

A cada módulo tivemos um professor diferente e, com isso, novos conhecimentos, disciplinas complementares e outras novas com a temática voltada para nosso currículo. Também houve os seminários, exemplos: Cosmologia e religiões; O movimento indígena e a

luta por direitos; Tecnologias; Gestão territorial e perspectivas e avanço; a cada tempo voltado para uma habilidade diferente do curso. Isso contribuiu para desvendar o conhecimento que há no ensino superior e seus códigos que caracterizam a nossa formação.

A oportunidade de desenvolver um percurso de tema livre para a conclusão do nosso curso de graduação em Línguas, Artes e Literatura, nos fez aproximar de um tema que sempre nos interessou (as pinturas corporais Pataxó) e que, ao mesmo tempo, tivemos pouco contato, pois não tínhamos habilidades suficientes dos mestres de pintura para desenhar na pele das pessoas, pois nem todos os indígenas possuem essa habilidade de fazer a pintura corporal, uma vez que essa habilidade exige interesse, uma prática e atenção em fazer uma pintura.

Com base na nossa habilitação, conseguimos identificar vários temas, e o que nos leva a pesquisar sobre este é ter o registro das pinturas em texto, onde possamos ter onde buscar esses registros seja na escola de nossa aldeia.

No caso de Heron, o interesse pelo tema Pinturas Pataxó surgiu em um seminário sobre Cosmologia e Religiões Indígenas, apresentado no primeiro semestre (abril de 2013), na Faculdade de Educação, apresentando as pinturas das mulheres indígenas do povo Kayapó. *Um tema que eu já tinha em mente para a apresentação do trabalho de percurso devido as suas formas, origem e pelo fato das pinturas serem ricas em informações e ser características do nosso povo, algo passado de geração a geração e que vem se modificando a cada tempo.*

Por sua vez, Sebastiana, no ano de 2013, com iniciativa da professora Arissana Pataxó que dava aula de Arte Indígena, trouxe a ideia para Escola Indígena Pataxó Boca da Mata, de fazer pinturas que são feitas em nossos corpos para desenhar nas colunas da escola. Toda equipe da escola gostou da ideia, então ela começou a trabalhar junto com as turmas do Ensino Médio. *Foi então que comecei a interessar mais e a investigar o conhecimento do nosso povo sobre as pinturas, suas formas nos desenhos, as linhas, os traços, os triângulos, os círculos e os quadrados e as matérias primas e as cores em especial usadas, as técnicas na preparação das tintas e dos barros utilizados nas pinturas e nos rituais pataxó.* No ano seguinte, em 2014, o professor José Raimundo conhecido como Patxió e professor da língua Patxohã e arte indígena deu continuidade ao trabalho fazendo as pinturas maiores e nas paredes da Escola trabalhando com os alunos do ensino médio e fundamental II, dessa vez Sebastiana ajudou a pintar, desenhou e os alunos iam cobrindo-as com tinta. Ao retornar ao módulo ela deparou-se mais uma vez com as pinturas estampadas no corpo dos formandos da turma de Ciências Sociais e Humanidades utilizadas para a colação de grau da mesma, o que

mais uma vez despertou nela o interesse de poder realizar essa pesquisa. *E a cada momento me desperta o interesse de poder escrever sobre as transformações e mudanças das pinturas Pataxó.*

Foi desse modo que nos motivou a elaboração da nossa pesquisa para conclusão do nosso curso, constituindo, assim, uma reflexão sobre os processos da pintura, sendo ela uma construção de identidade a qual não traz apenas o significado e a beleza do grafismo no corpo. Ela vem para fortalecer e afirmar a identidade étnica do povo a qual pertence. Os desenhos criam uma imagem rica em cores e formas e, ao mesmo tempo, mostram a grandiosidade e a importância de usar a pintura nos momentos sagrados, quando e onde usá-las. A pintura corporal vem nos demonstrar a resistência e registro da história em memória dos anciãos pataxó e acreditamos que essa cultura e a resistência do povo é que as mantém viva. E essas formas estão presentes na linguagem da pintura no corpo, nos nossos adereços feitos de sementes e nos artesanatos (que ajuda na sobrevivência das famílias).

Nesta perspectiva, o grafismo pataxó não existe por si só, há toda uma referência por trás daquilo que a natureza nos oferece. A natureza é nossa grande guardiã, por isso nossas pinturas têm definições de tamanhos, repleta de muitos detalhes, consideradas como grafismo Pataxó padrão.

O grafismo pataxó é uma riqueza da cultura presente há muito tempo em nossa cultura. Representa identidade, origem, luta e fortalecimento. Ele faz parte da nossa história, uma vez que simboliza um sentimento de pertencimento aos bens e ao sagrado, enquanto povo diferenciado das demais nações do país.

Nesse trabalho vamos abordar sobre as variedades e quantidades de pinturas pataxó, que aparecem nas nossas reivindicações como o fechamento de pista, lutas em busca dos nossos direitos sobre os territórios, rituais de casamentos, festas tradicionais e outros eventos culturais do povo Pataxó. Também procuramos valorizar a cultura indígena pataxó e suas manifestações e ensinamentos, que a arte nos permite de forma diversificada.

O objetivo do nosso trabalho é registrar essas modificações, sofridas de geração em geração, e analisar pinturas que são utilizadas em diferentes momentos. Apresentaremos, no decorrer do trabalho, elementos que compõem a pintura pataxó e as ocasiões em que a usamos. Apresentaremos também uma síntese da trajetória histórica do povo Pataxó, a proposta não é apresentar uma história total do grupo indígena, mas demonstrar referências

documentais e históricas construídas nesses mais de 516 anos de contato com os não indígenas.

Intitulamos o nosso trabalho *Moytãxö'wây: Pintura corporal e identidade pataxó* como meio de valorização da nossa língua materna, que esta em processo de revitalização, demonstrando, assim, um vínculo não apenas entre a pintura e a identidade pataxó, mas entre esses três elementos culturais: A língua, a pintura e a identidade pataxó, que necessitam cada vez mais serem valorizadas e introduzidas neste nosso trabalho como forma também de registro de palavras. *Moytãxö'way* vem do *patxôhã* e tem como significado pintura.

Desse modo, nosso trabalho está organizado por seção e da seguinte maneira: na primeira parte abordaremos um breve Histórico do Povo Pataxó, que relata a vida e história do povo, o sofrimento vivido pelo massacre 1951, o adormecimento da nossa identidade como indígenas por medo das perseguições, o preconceito e de sofrer novamente com a violência nos nossos territórios, a revitalização da língua tradicional, as lutas e conquista obtidas e a relação das pinturas com nossos anciões, como era a pintura antigamente e quando eles se pintavam.

Na segunda seção, falaremos sobre as Formas e as Matérias da Pintura Corporal Pataxó. Desde a coleta de algumas matérias (o jenipapo e o urucum), a preparação dos barros. Abordaremos também, as Formas das Pinturas e como se dá o uso das tintas, os detalhes dos barros nos traços; procuramos mostrar como foi a retomada das pinturas corporais ao longo desse processo sócio histórico do povo Pataxó.

Na terceira seção, mostraremos os Usos das Pinturas Corporais, e sua visibilidade nessa transformação e mudanças que ocorreu com as pinturas pataxó ao longo do tempo. Citaremos também os momentos em que aparecem as diversidades de pinturas: nos Jogos Indígenas, Formaturas Culturais, Casamentos entre outras comemorações festivas Pataxó. A maneira em que é tratada a pintura e avaliada por nossos parentes e o modo pelo qual é compartilhada entre outras aldeias. E, por fim, nossa pesquisa aborda esse processo transformador que marcou e que hoje reforça a grande resistência da pintura pataxó na história do nosso povo.

2. Histórico do Povo Pataxó

O Povo Pataxó ocupa parte da faixa litorânea e interior do extremo sul do estado da Bahia nos municípios de Porto Seguro (Aldeia velha, Aldeia Nova, Barra Velha, Boca da Mata, Juerana, Imbiriba, Xandó, Bujigão, Pará, Campo do Boi, Meio da Mata, Cassiana, Pé do Monte, Jitaí, Guaxuma e Reserva da Jaqueira); Prado (Tawá, Águas Belas, Craveiro, Cahy, Corumbalzinho, Alegria Nova, Maturembá, Monte Dourado, Pequi e Tibá); Santa Cruz Cabrália (Coroa Vermelha, Aroeira, Mata Medonha, Nova Coroa, Mirapé, Txihí Kamaiurá, Novos Guerreiros); Itamaraju (Aldeia Trevo do Parque) e, em Minas Gerais, nos municípios de Itapeçerica (Aldeia Muãmimati); Imbiruçu (Fazenda Guarani: Sede, Imbiruçu e Retirinho); e Araçuaí (Aldeia Cinta Vermelha Jundiba); Açucena (Aldeia Jeru Tukumã). Segundo a Federação Indígena das Nações Pataxó e Tupinambá (FINPAT), existem em sua totalidade, 15.000 mil Pataxó que estão distribuídos aproximadamente em 40 aldeias no sul da Bahia,, e mais seis aldeias do Povo pataxó no Estado de Minas Gerais.

O povo Pataxó pertence ao tronco macro-jê e à família linguística Maxacali. Preocupados com a afirmação dos costumes e tradições, educadores e lideranças pataxó, começaram, em 1998, uma pesquisa independente sobre a língua pataxó. Durante as pesquisas foram coletadas palavras entre os mais velhos, que contribuíram, inicialmente, com 200 vocábulos. Hoje o vocabulário pataxó tem mais de 3.000 palavras. Acreditamos que a revitalização da língua *Patxohã* será sempre um motivo de pensarmos em nosso jeito de ser pataxó. Essa revitalização, apesar de todos os avanços, está ainda em processo de desenvolvimento. Por meio dos esforços das lideranças e professores, o *Patxôhã* é ensinado nas escolas e tem os professores específicos da língua, os quais já a dominam, e produzem seus próprios materiais didáticos para seus trabalhos. A música em *Patxôhã*, como é chamada a língua pataxó, já é realidade em nossos rituais nas aldeias, e no dia a dia entre as crianças e jovens, como também nas escolas indígenas, onde têm um papel fundamental para o processo pedagógico.

É importante ressaltar que o professor de cultura entrou na escola pataxó não para dar conta do universo cultural pataxó através de uma disciplina dentro da escola, mas sim para mobilizar os alunos na valorização da sua própria cultura, sua identidade e ser porta- voz da sua própria história e do seu povo. (BONFIM, 2012, p. 64).

Destacamos que o *Patxohã* é falado por nós pataxó, através de nossos cantos, além do português indígena, que é usado nas aldeias e que também nos identifica. A língua pataxó não

morreu como dizem alguns não indígenas, e com essas pesquisas feitas pelos jovens professores pataxó, a língua vem ganhando mais força nas práticas escolares e no nosso cotidiano. Observamos que na prática é que ela vem se estruturando, não como era antes, pois sofreu um grande adormecimento ao longo da história, na prática a língua pataxó está se fortalecendo ao longo da construção da nova história.

E foi através do novo sentido que os pataxó recentemente deram á língua hoje e que ela ganhou força para construir – se como uma língua do presente. (BONFIM, 2012, p. 82).

A Aldeia Bom Jardim, atual Aldeia Barra Velha, “aldeia mãe”, era um ponto de encontro e passagem de vários povos indígenas. Em 1861, indígenas de diversas etnias, dentre as quais estavam os Pataxó, os Maxacali, Botocudos, Kamakã e Tupi foram forçados ao aldeamento por determinação do governo da Bahia. Mas foi, a partir de 1940, com a criação do Parque Nacional do Monte Pascoal, que as disputas pelo Território Barra Velha começaram. Nesse mesma localidade ocorreu o massacre “Fogo de 51” como é chamado pelo povo, foi uma triste guerra em Barra Velha. Esse acontecimento implicou na dispersão dos Pataxó e na formação de novas aldeias. Naquele momento, o capitão da aldeia, Honório Ferreira e mais três pataxó viajaram até o Rio de Janeiro para reivindicar seus direitos e suas terras. Como não possuíam dinheiro para a viagem, eles saíram a pé, com a previsão de retornar somente quando conseguissem ser ouvidos.

No Rio de Janeiro, o Marechal Rondon falou que ia tomar as devidas providências, enviando engenheiros para demarcar as terras Pataxó. Então Honório e seu grupo retornaram para aldeia, mas acompanhados de dois homens brancos que diziam ser engenheiros e que viriam demarcar as terras.

Os dois homens chegaram à aldeia convencendo os índios a roubar a mercearia do senhor Teodomiro. Os índios receberam-nos inocentemente, sem saber o que poderia acontecer. Fizeram uma reunião em que, apesar de que muitos foram contra, ficou decidido acatar a ideia dos dois não indígenas, realizando o saque. Pegaram Teodomiro, amarraram, carregaram, jogaram-no na praia e roubaram toda a mercadoria da venda. Naquele momento, por uma coincidência, ia passando um homem que perguntou o que estava acontecendo. Teodomiro disse que foram os índios que fizeram isso com ele. Este homem foi até a linha de telégrafo e comunicou a polícia de Porto Seguro e Prado. Quando eles souberam disso, cortaram toda linha para que não houvesse mais comunicação.

No dia seguinte, de madrugada, os policiais chegaram já atirando. Teve troca de tiros entre os policiais de Prado e Porto Seguro, que pensavam que os tiros viam dos indígenas. Nesse tiroteio muitos de nós morreram e muitos policiais também. Quando os policiais perceberam que não eram os índios que estavam atirando, juntaram suas forças e atacaram a aldeia.

Foi assim que começou o massacre do povo pataxó. Estupro de mulheres e espancamento, muitas crianças mortas e muitos índios fugindo para a mata, na tentativa de se esconder. Foi terrível esse massacre e até hoje o povo pataxó chora quando os mais velhos contam essa história triste e violenta.

Os índios se esconderam nas matas e ficaram muito tempo ali. Maria Calango era uma benzedeira que tinha o poder de esconder pessoas e objetos. Nesse período, ela se escondeu em um oco de pau velho, para que os policiais não a vissem, suas rezas eram tão fortes que as armas de fogo não atiravam.

Nesse massacre horrível, arrancaram o couro da cabeça de um velho índio, fizeram-no comer o próprio escalpe e correr de Barra Velha até Caraíva com uma cangalha¹ nas costas, apanhando de chicote.

Os velhos e as crianças que não podiam correr foram chacinados, porque os policiais entravam dentro das casas a cavalo e pisoteavam tudo. Entre esses casos que aconteceram, uma *jokana* (mulher) pegou carona em um barco e foi até Salvador, fugindo com medo de ser morta.

O massacre que forçou alguns grupos indígenas a se refugiarem em sítios afastados da aldeia, procurando obter condições para sua sobrevivência física e cultural. Depois do “fogo de 1951”, os pataxó que conseguiram sobreviver ficaram muito tempo dentro das matas escondidos sem poder sair para ver a luz do sol. Havia muitos guardas em Barra Velha esperando os índios saírem para atacá-los. Com esse sofrimento, os índios tinham que comer tudo cru, porque não podiam fazer fogo para não serem vistos pelos guardas. Nessa época não existiam muitas crianças, e as mães que tinham filhos pequenos tinham que apertá-los contra o peito quando queriam chorar. Tinham de matar todos os animais principalmente os cachorros, para não latirem, dando sinal da presença dos parentes na mata. Esta luta e sofrimento continuaram por muito tempo. (BAHIA, 2007).

¹ Que é uma armação que se coloca em animais para que carreguem carga.

Na década de 70, com o retorno de diversas famílias para a Aldeia Barra Velha, iniciou-se novamente o processo de luta para o reconhecimento e demarcação do território. Ainda nessa época, os Pataxó começaram a organizar ações e movimentos pela oficialização do Território Indígena e pelo reconhecimento dos seus direitos. Finalmente, em 20 de julho de 1988, o governo resolveu “reconhecer” 8.627 hectares entorno de Barra Velha como área de posse “imemorial indígena”, e as lideranças pataxó conseguiram que a homologação efetiva fosse realizada em dezembro 1991, por meio do decreto 396.

Esse Território pataxó está localizado próximo a uma área de proteção ambiental, o Parque Nacional Monte Pascoal, município de Porto Seguro, Bahia. Mesmo com a demarcação, essa situação traz uma série de contratempos, já que alguns pataxó dependem essencialmente de atividades que implicam na alteração do meio ambiente que os cerca, como, por exemplo, o roçado para o plantio da mandioca, a mariscagem e a extração vegetal para feitura de artesanato em madeira, para a sobrevivência.

Os Pataxó continuam lutando pela regularização de suas terras. Cientes de como fazer para terem seus direitos respeitados, estamos nos tornando cada vez mais atuantes em nossas causas, formando grupos de lideranças e educadores indígenas conhecedores do que devem fazer para serem respeitados em nossos direitos.

Atualmente, o Território Indígena Pataxó Barra Velha possui uma área de 8.627 hectares, e passa por um processo de revisão desse limite para a ampliação a 52.748 mil hectares. O pequeno espaço do território estimulou os Pataxó a reivindicarem a ampliação do território, mas, ainda hoje, nosso povo sofre uma grande repressão de forças policiais fortemente armadas. Em um passado recente, em 2015, com a ocupação de uma área de retomada na aldeia Boca da Mata, o povo pataxó sofreu mais uma vez uma grande repressão dos policiais do estado. Eles vieram para uma reintegração de posse, mas não deram oportunidade para diálogo, e ali começou mais uma vez um ataque covarde contra o povo, atirando com balas de borrachas e bombas de gás lacrimogênio, utilizaram spray de pimenta. Muitas pessoas se machucaram, mulheres grávidas, idosos, homens e mulheres e jovens, ficaram perdidos e outros foram perseguidos pela polícia dentro da mata. Sabemos que essa luta não é de agora, mas que o povo não cansou de reivindicar seus direitos pelas terras tradicionais ainda demarcadas.

Apesar de tantas violações de direitos, tantas agressões, nosso povo está lutando para manter as tradições, afirmando um forte movimento étnico-cultural, entre as aldeias Pataxó,

em busca da demarcação do território tradicional e afirmação cultural, valorizando a nossa identidade étnica e também nossas pinturas corporais, na revitalização e fortalecimento da língua *Patxohã*, que há muito tempo fomos forçados e proibidos de falar.

Para compreender esse processo, é importante levar em consideração os fatores sócio- históricos que o povo viveu; além disso, o processo dinâmico, social, que permitiu o fortalecimento da língua pataxó desde antigamente e, mais tarde, com a iniciativa de jovens pesquisadores motivados pelo desejo de registrá-la e aprendê-la novamente. Para compreender de que língua eu estou falando, é preciso desprender o nosso olhar e observar o que isso significou em cada tempo para o povo Pataxó. (BONFIM, 2012, p. 29).

A pintura corporal é um bem cultural de grande valor para os Pataxó. Ela representa parte da história, sentimentos do cotidiano, os bens e o sagrado. Por muito tempo, as pinturas foram pouco usadas e o processo quase se perdeu. Mas, hoje, depois de pesquisas e discussões nas comunidades, os pataxó retomaram o uso da pintura corporal em festas tradicionais e no dia a dia em apresentações e dança.

Com as retomadas dos nossos territórios, iniciamos o processo de revitalização dos aspectos culturais de nosso povo, um dos elementos que revitalizamos foram nossas pinturas que retomamos e que representam a força do nosso povo. Antigamente, no início do processo elas eram feitas com os próprios dedos sem a utilização de taliscas e pincéis e não possuíam uma forma tão detalhada, com o passar do tempo, começamos a observar a natureza e viagens e passamos a transmitir algumas formas para as pinturas corporais e utilizar outros materiais além das mãos, o que aumenta o detalhamento. Em 2000, aconteceu um seminário na aldeia Coroa Vermelha para tratar do fortalecimento cultural, nesse seminário padronizaram a pintura, pois cada um se pintava de uma forma diferente e nossas comunidades queriam padronizar e assim foi feito. As mulheres solteiras iriam utilizar uma pintura diferente das mulheres casadas, os homens solteiros iriam utilizar uma diferente dos homens casados.

Nossos jovens de hoje tem tomado cada vez mais a frente na representatividade, e desenvolvido um papel essencial na cultura pataxó, passada de geração a geração, assumindo a responsabilidade de pintar os demais parentes, criando assim muitos, modelos deixando a criatividade agir. O dom de pintar surge na juventude e é aprimorado com o tempo, se perpetuando.

3. Formas e matérias da pintura corporal pataxó

Neste capítulo buscaremos transmitir as noções gerais da pintura pataxó, como patrimônio cultural transmissor de história e registro do povo, que é passado de nossos anciões para os jovens. Desse modo, transmitimos nossos costumes e tradições, os conhecimentos ancestrais para a nova geração, perpetuando toda nossa tradição e existência entre nosso grupo, conservando na memória as histórias do nosso povo.

A pintura corporal é o registro de história de um povo feito no corpo. As pinturas indígenas identificam quem somos e afirmam nossa identidade. Observamos na história da sociedade diversos registros culturais por meio da pintura, como nas cerâmicas, murais, ou mesmo as pinturas rupestres, que foram deixadas por gerações de antepassados que por ali viveram, e que demonstram uma identidade, um documento não apenas na memória que é passada pela voz, mas também na linguagem escrita em desenhos.

As pinturas pataxó sofreram mudanças em suas formas fechadas e ganharam mais detalhes e traços ao longo do processo histórico do povo. Eram pinturas mais simples e não tinha um padrão para ser usado no corpo, mas com as perseguições que os parentes sofriam naquela época algumas de suas práticas culturais foram se adormecendo. As pinturas foram uma dessas práticas adormecidas, que ficou por muito tempo sem ser usadas. Após o retorno para o território Barra Velha, na década de 70, com a organização do grupo pataxó para a regularização do território, houve também a necessidade de voltar a praticar essas nossas tradições que foram adormecidas: os nossos cantos e as nossas pinturas, entre outros costumes pataxó. Essa luta para a visibilidade custou-nos muito tempo, e até hoje buscamos meios para fortalecer nossa cultura.

Em 2000, com a realização de um seminário na aldeia Coroa Vermelha para discussão de vários assuntos sobre a cultura pataxó, em meio a vários temas do debate, foi criado um grupo para discutir a pintura corporal Pataxó. Por todos esses acontecimentos, muitos dos parentes não usavam mais a pintura corporal, mas depois em busca dos direitos indígenas nas reivindicações sobre o território, encontros com outras etnias indígenas fora da aldeia, eles foram se acostumando a voltar a usar as pinturas e a praticar novamente nossos costumes tradicionais.

Após esse seminário foi criado um padrão para os grafismo pataxó, que diferenciava os solteiros dos casados por meio das pinturas. No início era apenas uma ideia, que buscava meios para ajudar no fortalecimento cultural pataxó, e isso de início era para ficar como uma

ideia, apenas na aldeia Coroa Vermelha, mas a partir das discussões, foi pensado o livro *Leituras pataxó: raízes e vivências do povo pataxó nas escolas* (2007), em que são abordadas várias questões sobre a cultura, e as pinturas também tiveram um espaço dentro dessa publicação, que foi distribuída em várias aldeias Pataxó, o que permite aos professores um papel importante em repassar essas informações para os alunos e demais parentes.

Então assim começaram a usar esse tipo de pintura padrão, por exemplo, nos jogos pataxó onde mais se vê essa padronização das pinturas, adereços indígenas e artefatos usados por cada aldeia, e em formaturas tradicionais etc. Também se observam as quantidades e diversidades de grafismos pataxó que aparecem nesses movimentos, que só fortalecem a cultura do nosso povo, cada aldeia apresenta sua pintura seu padrão seja no cocar, seja na pintura corporal ou em outros artefatos que usa no momento.

Podemos dizer que o grafismo pataxó é uma pintura padrão aberta, com várias formas que representam os animais, folhas entre outros elementos da natureza. É importante observar que algumas pinturas são compartilhadas pelos pataxó, mas nem todas as elas têm um mesmo significado para o povo, por exemplo, uma pintura que na minha aldeia tem um sentido, já em outras a mesma pintura pode representar outra coisa. Como já citamos cada aldeia cria seu próprio padrão e que é usado e apresentado nas festas tradicionais do povo.

No grafismo Pataxó, as pinturas são os registros que são deixados pelos anciãos: quais as cores que são usadas nas pinturas corporais e também o significado dessas cores e traços que as identifica. Ainda, os momentos específicos para usá-las, como, por exemplo: o vermelho que é usado para momentos de lutas. Observamos que essas pinturas vermelhas não são tão detalhadas, sendo uma pintura mais simples, ou seja, sem muito traço, utilizando o urucum, nos rostos de homens e mulheres, como também em todo o corpo, destacados todo o vermelho. Além das pinturas que são realizadas com Barros, que são usados nos rituais e lutas dos pataxó.

A pintura da tribo Pataxó representa uma simbologia e um significado que revela cada membro da etnia, desde fortalecimentos espirituais, estado civil da pessoa e elementos da natureza. As pinturas corporais têm as suas formas e significados. (ALDEIA PATAXÓ DA JAQUEIRA, 2011, p. 52).

Para que possamos nos pintar é necessário ajuda dos nossos parentes, pois, muitas vezes não possuímos a prática suficiente para que a pintura seja bem feita e, outras vezes, não alcançamos lugares específicos do nosso corpo, tais como: costas, tórax entre outras partes.

Uma pintura completa (rosto, braços, tórax, costas e pernas), sem detalhe, demora em torno de uns trinta minutos, sendo necessário um tempo para a fixação do jenipapo, quanto mais tempo mais o jenipapo fixa na pele deixando uma coloração mais forte.

3.1 Matérias

Para fazer qualquer uma das tintas que vai ser utilizada no corpo existe toda uma ciência de preparo, as tintas são compostas por materiais que extraímos da natureza, como *mikaré* (jenipapo), *kanuru* (urucum), *tap'oke* (carvão), e *tawá* (barros), que existem nas cores, *eató* (vermelho), *txiãgá* (branco), *ajú* (amarelo) e *iretuá* (roxo). Todos esses materiais são usados no ritual *Awê* e em outras cerimônias.

O preto do jenipapo está presente em todas as pinturas; essa cor representa o luto pela perda de alguma das lutas pataxó, como também luto quando algum parente falece, mas nós não nos pintamos para irmos a velórios, se acaso alguém comparece a um velório com o corpo pintado é porque já estava com a pintura na pele.

O Barro (*tawá*)

O barro, que é conhecido como a batinga, tem sua característica toda branca e macia sem areia na mistura; representando a paz nas pinturas e nas cores dos adereços que são usados nos rituais, mas são utilizados os de outras cores de barro, o amarelo, o roxo, o vermelho. Existem barros com tonalidades mais claras e outras mais escuras, outros que brilham na pele. Dessa maneira, as cores usadas pelo povo ganham destaques nas festas tradicionais, nas formaturas, nos jogos indígenas, nos casamentos tradicionais, no *Awê* e nas lutas.

O barro amarelo também tem um grande significado para nós Pataxó, pois é com ele que são batizadas nossas crianças. Esse ritual só é praticado na Reserva da Jaqueira, um ritual passado para nova geração, assim contam-nos os anciões que contam a narrativa da origem dos Pataxó. O amarelo é encontrado apenas na Reserva Pataxó da Jaqueira, sendo local de extração para outras aldeias, e os demais barros são encontrados nas próprias comunidades. O barro (*tawá*) é extraído do solo argiloso, nas cores, amarela (*ajú*), vermelho (*eató*), branco (*txiãgá*), roxo (*iretuá*).



Imagem 1: Preparação do barro. Fotografia Sebastiana Santana. 2015.



Imagem 2: Pintura facial com o barro amarelo. Fotografia Sebastiana Santana. 2014.

O Jenipapo (*mikaré*)

É um fruto extraído ainda verde, ralado e depois torcido em um pano ou pressionado nas mãos para retirar o sumo. Esse líquido possui uma coloração verde bem escuro, na medida em que o tempo vai passando a sua pigmentação vai alterando para uma cor azul bem escuro, neste momento o jenipapo está pronto para ser utilizado. Algumas aldeias utilizam-no puro, outras o utilizam com o carvão para uma melhor fixação na pele. O jenipapo não pode ser muito velho, ou maduro, senão na hora em que o utilizamos ele fica em uma coloração muito

fraca em nosso corpo. O *mikaré* também é usado para fazer licor, uma bebida tradicional nas festas juninas. O suco dele é usado no tratamento de quem estiver com anemia, e, em caso de hemorragia, quando uma mulher perde uma criança, também é usado o suco do jenipapo, por ser rico em ferro e vitaminas.



Imagem 3: fruto jenipapo para ser ralado. Fotografia Sebastiana Santana. 2015.



Imagens 4 e 5: Ralando o jenipapo para fazer tinta para fazer a tinta. Preparação da tinta do jenipapo. Fotografia Sebastiana Santana. 2015.



Imagem 6: Sumo de Jenipapo. Fotografia Sebastiana Santana. 2015.



Imagem 7: Preparando carvão para mistura na tinta para o uso. Fotografia Sebastiana Santana. 2015.

O Urucum (*kanurú*)

Extraído “de vez” (quase maduro), utilizamos suas sementes nas quais estão concentradas a tinta vermelha. Para aplicação da tinta, passamos com as mãos, o urucum no corpo, mas, para passar os detalhes das pinturas usamos as taliscas, que são produzidas com a tala da folha do coqueiro ou com o cipó. Utilizamos as sementes dentro de um recipiente com óleo ou água para ser usado durante o momento nas cerimônias, já para uma conservação melhor do urucum, ele deve estar puro, sem óleo ou água.



Imagem 8: Urucum de vez. Fotografia Sebastiana Santana. 2015.



Imagem 9: Preparação do urucum para pintura. Fotografia Sebastiana Santana. 2015.



Imagem 10: urucum pronto para ser utilizado. Fotografia Sebastiana Santana. 2015.



Imagem 11: urucum e jenipapo conservado. Fotografia Sebastiana Santana. 2015.

Além de ser usado nas pinturas, o urucum também faz parte da culinária pataxó, sendo usado para temperar os alimentos, quando cozinhamos. A preparação do corante para ser utilizado nos alimentos é feita com a semente seca; as colhemos “de vez” no pé, depois tiramos as sementes da baja,² assim as colocamos todos os dias no sol para que sequem. Quando estão bem secas, iniciamos a preparação do corante. Em uma recipiente misturamos óleo de soja industrializado e as sementes, e colocamos esse recipiente no fogo até que a mistura fique preta. A partir desse momento, acrescentamos a farinha de guerra, que para nós pataxó é a farinha bem fina comprada na cidade ou produzidas na Aldeia, e, com a mistura, de uma cor amarelada, socamos em um pilão,³ até que as sementes soltem a tinta vermelha. Depois que passamos na peneira, está pronto para o uso nos alimentos.

Nas pinturas pataxó, o urucum sempre está presente nos detalhes, nos traços dos grafismos, e em todo corpo das guerreiras e guerreiros, ele representa toda força da nova geração pataxó e protege nossa identidade, como uma segunda pele.



Imagem 12: jovem pataxó usando urucum no rosto em uma apresentação Cultural Jogos Pataxó Porto Seguro. Fotografia Sebastiana Santana. 2014.

² Invólucro que reveste as sementes.

³ Pilão grande que é produzido com tronco de árvore morta.



Imagem 13: jovem pataxó no movimento Indígena Brasília. Fotografia Sebastiana Santana. 2014.



Imagem 14: Casal no desfile Jogos Pataxó Porto Seguro. Fotografia Sebastiana Santana. 2014.

Nas pinturas pataxó, o vermelho traz a força de nossos ancestrais, lembramo-nos também dos parentes que tiveram seu sangue derramado nas luta pelos território e no massacre de 51. E hoje o urucum continua forte nos troncos pataxó pelas conquistas, e lutas incansáveis e diárias pelo território.

O Carvão (*tap'óke*)

Começou a ser utilizado recentemente, ele é pilado até ficar bem fino, um pozinho, ou o lixamos, misturamos ao jenipapo. Assim a tinta tem uma fixação melhor na pele e não borra a pintura. O carvão que é usado na tinta é o resto de lenha queimada, ou comprado na cidade. Quando as pessoas não querem pintar o rosto com o jenipapo, usamos o carvão com açúcar para fazer as pinturas, com nenhuma durabilidade. A tinta também fica forte na pele, mas ela não tem a mesma duração de tempo na pele como a tinta do jenipapo, pois se lavar o rosto com água ela sai. O carvão que é utilizado é extraído de madeira morta que usamos como lenha, para fazer fogo e cozinhar os alimentos e assar carnes, peixes, batatas, mandioca etc.

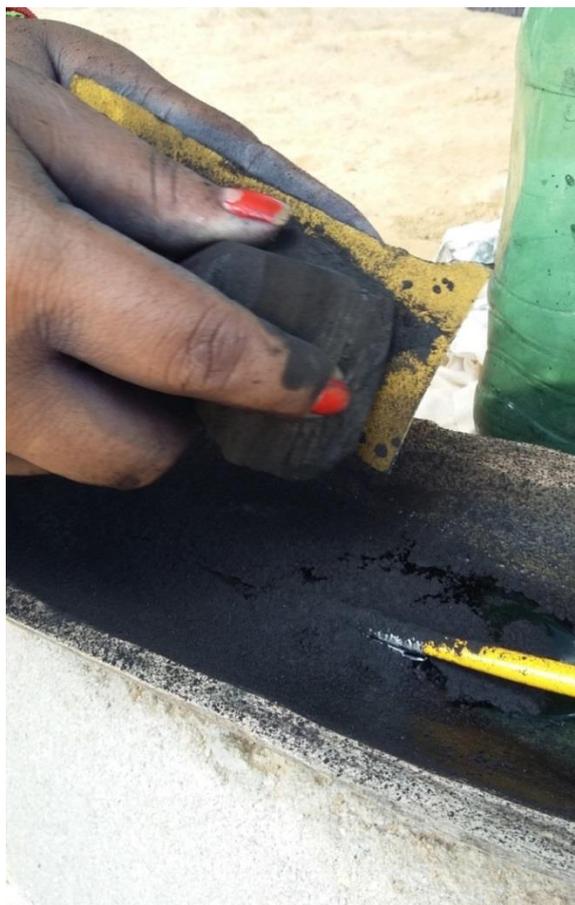


Imagem 15: pedaço de lixa e carvão para preparação do pó para coloca na tinta jenipapo. Fotografia Sebastiana Santana. 2016.



Imagem 16: Moça pataxó pintura carvão e jenipapo, Semana Cultural Aldeia Boca da Mata. Fotografia Sebastiana Santana. 2014.



Imagem 18: mulher pataxó com pintura carvão, água e açúcar, Jogos Pataxó. Porto Seguro. Fotografia Sebastiana Santana. 2015

Talisco e Pincéis

As taliscas são feitas para desenhar as pinturas na pele, algumas são produzidas da talisca da folha do coqueiro, de cipó ou mesmo pedacinho de pau. A talisca de coqueiro deve estar verde ou a folha madura. Pegamos a talisca e a afinamos com uma faca, de acordo o gosto da espessura dos traços das pinturas, mais finas ou mais grossas. Com o cipó é mais usada para fazer pinturas maiores, nas costas, nas pernas, entre outras partes do corpo.



Imagem 19: Talisca de folha do coqueiro. Fotografia Sebastiana Santana. 2015.

As taliscas mais grossas servem para pegar mais tinta quando estiver pintando. Algumas pessoas gostam de fazer as pinturas com o cipó, pois ele é mais flexível nas curvas a depender dos desenhos. Outros usam também a talisca de pau, pois é mais firme para fazer as pinturas menores no rosto e braços. É comum ver nos encontros dos Pataxó, cada um com seus próprios materiais, suas taliscas, urucum, carvão, jenipapo e o barro.

A talisca é uma das matérias principais materiais para se começar a desenhar, e cada pessoa tem seu próprio estilo de fazer as taliscas. Os pincéis não fazem parte da cultura pataxó, mas é um objeto fundamental para traçar as pinturas maiores, e como as taliscas também os pincéis variam de tamanhos, comprados na cidade, mas para serem usados, os pelos de alguns deles são cortados, pois são grandes e não serve para pintar. Os grafismos que são feitos na pele com taliscas, mas para pintar são usados as taliscas de cipó ou os pincéis.

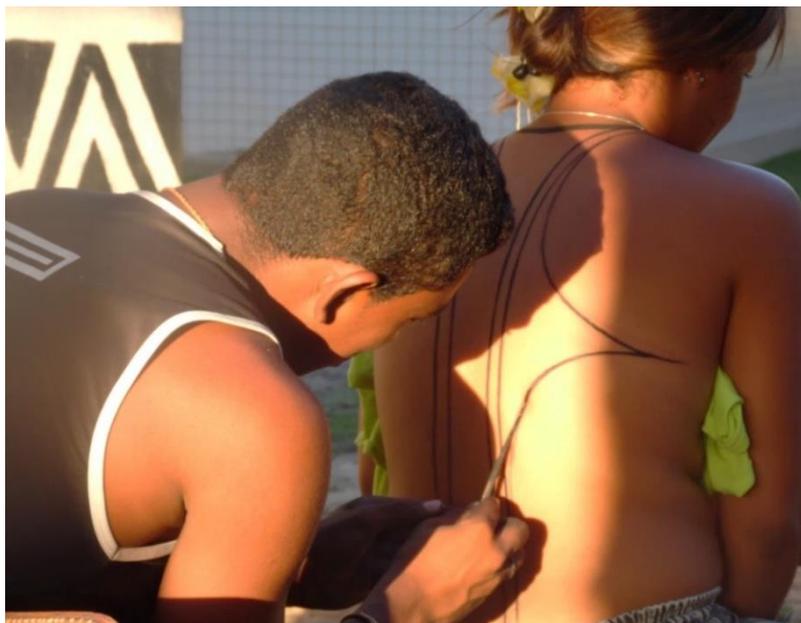


Imagem 20: Rapaz fazendo pintura usando talisca grossa cipó. Fotografia Sebastiana Santana. 2014.

Nós Pataxó consideramos uma das partes mais importante do corpo ao ser pintada é o rosto, pois através dos traços feitos ali identificamos uma linguagem entre nós pataxó e a condição civil de quem a usa. No rosto das mulheres e homens casados a pintura é mais simples e sem muitos detalhes. Mas no rosto dos solteiros, rapazes e moças, a pintura é com mais detalhes, para chamar atenção e seduzir a pessoa do sexo oposto. No rosto é obrigatória essa identificação da condição civil das pessoas por meio dos traços da pintura. Porém, no restante do corpo a pintura é mais livre, tanto para casados quanto para solteiros, respeitando, como já dissemos, os braços e o rosto.

Nos braços das mulheres e homens casados os traços nas pinturas são todos fechados, já nos braços dos solteiros os traços nas pinturas são abertos. Mas um detalhe importante que serve tanto para os casados quanto para os solteiros é um traço específico que é usado: nos braços das mulheres, um símbolo masculino, e nos braços dos homens é usado um símbolo feminino, tendo, para nós, significação diferente. Os adereços dos solteiros também são mais enfeitados e chamam mais atenção, nas pinturas os traços estão sempre com mais detalhes e com mais cores além do jenipapo e o urucum estampadas na pele.

Além das cores do jenipapo, urucum e dos barros nas pinturas, são usadas, pelos Pataxó, seis cores específicas nos adereços, o vermelho, amarelo, verde, azul, marrom, branco, que estão nos cocares, nos cintos, braceletes, nas penas que são pintadas e que

enfeitam as xuxa, os xarris,⁴, também para enfeitar, nos traçados dos artefatos, nos arcos, nas zarabatanas, nas lanças entre outros.

O próprio fortalecimento da comunidade fez com que essas pinturas fossem ganhando dimensão e uns exemplos muito claro disso também foi Coroa Vermelha tornou-se alguns tempos atrás uma grande referência dessas questões da cultura tanto nos seus elementos dos adereços como o cocar, as tangas. A pintura ela pra nós representa força, representa a união e também representa o fortalecimento. A pintura ela representa tudo isso e mais ainda ela representa a nossa própria identidade. A cultura pra nós é nossa identidade, identidade cultural Pataxó porque como sabemos ela é nossa marca, e vemos todas as culturas todos os povos etnias tem a suas. Essas pinturas e a do Pataxó ela também não é diferente ela é igualitária.(entrevista de Ajuru Pataxó).

3.2 Formas

Temos diversidades de pinturas corporais, e entre elas, a que se destaca mais em alguns momentos é a pintura do besouro. O besouro que é considerado um guerreiro, possui dois chifres nas costas uma forma que inspirou a fazer a pintura. Há o desenho masculino e feminino, com detalhes bem diferentes. Essa pintura é usada em todos os momentos não tem um momento específico para seu uso.



Imagem 21: Pintura masculina do besouro. Fotografia Sebastiana Santana. 2014.

⁴ Uma espécie de palito, enfeitado com penas e sementes, utilizada para prender os cabelos.



Imagem 22: Pintura feminina do besouro. Fotografia Sebastiana Santana. 2014.

Txôpay é a pintura corporal usada nos braços de homens e mulheres pataxó, é representada por um traço horizontal grosso, e feita com tinta de jenipapo. O traço é desenhado nos braços feminino e masculino. Mas tem um detalhe no braço feminino, tem três traços que não são desenhados, que apenas é usado pelos homens.

A pintura de *txôpay* é feita em todas as aldeias pataxó, pois é a identificação das Aldeias e nossa identidade pataxó, sendo feita por todos. O desenho é representado por três barras em sentido vertical, em que o traço que está centralizado representa a Aldeia mãe, Aldeia Barra Velha. Os outros dois traços, que estão ao lado do principal, representam as outras aldeias pataxó, como, por exemplo, as aldeias Boca da Mata e Coroa Vermelha. No braço masculino é pintado o símbolo feminino que significa equilíbrio, amor e proteção. No feminino a pintura estampada é o masculino de força, união e também proteção.



Imagens 23 e 24: Pintura txôpay feminino, e pintura txôpay masculino, Fotografia Sebastiana Santana. 2014.

A pintura corporal que tem como características o morcego, é desenhada nas costas, e é usada pelas mulheres casadas e solteiras. Essa pintura é conhecida em algumas Aldeias Pataxó, mas, de acordo a algumas aldeias, a pintura do morcego é pintada de forma diferente, com o mesmo significado.



Imagens 25: Pintura feminina do morcego. Fotografia Sebastiana Ponçada. 2015.

Temos várias pinturas corporais, em que cada aldeia sempre apresenta uma pintura diferente, e todas estão voltadas aos elementos da natureza. Usamos também a pintura da borboleta, pois ela representa a renovação do corpo e da alma. As folhas são também representadas em suas formas.

Há pinturas que são específicas para mulheres, homens, crianças, nas partes do corpo, rostos, braços, costas, pernas. Delas, há diversidade de tamanhos e significados. A pessoa que está sendo pintada deve saber o porquê de usar tal pintura, para saber definir o momento e lugar onde é usada. Mantendo, assim, o respeito pela cultura, lembrando que, quem se pintou, deve suar para que fixe melhor. Ainda, o suor é sinal de renovação corporal, pois a pessoa ao se pintar ela está ligando ao sagrado e, assim, recebera mais proteção de *niamisũ*.

Além das pinturas no corpo, tem parentes que as fazem nos seus artesanatos, cochos, maracá entre outros. E também tem as *jokanap* e *ihép* (mulheres e moças) que fazem os desenhos das pinturas nos colares de sementes e em outros adereços de uso próprio. Também são desenhadas em paredes das escolas, centros culturais e nas suas próprias casas.

A pintura é mantida como parte da cultura do nosso povo, sendo que as formas que estão presentes no corpo, em nossos adereços e artesanatos, são como a linguagem do povo Pataxó, e que ajuda, em alguns casos, a manter a sobrevivência de algumas famílias. A pintura corporal indígena possibilita entender quem sou e quem somos, quando estamos pintados, mostramos a resistência na história do povo, a proteção que a pintura traz é muito forte diante do que representa para nós pataxó.

Podemos observar que os elementos naturais e seus grafismos ajudam a fortalecer a nossa identidade étnica, ajudando, assim, não só no fortalecimento, como também na diferenciação de outros povos indígenas, pois nossos traços são utilizados somente por nós, tornando assim um bem imaterial do nosso povo.

4. A pintura corporal e seus usos

Com o massacre do povo Pataxó, em 1951, (massacre já citado na segunda parte deste trabalho) muitos indígenas adormeceram a sua identidade étnica. A pintura indígena Pataxó foi um dos elementos que se adormeceu. De uns tempos para cá, o nosso povo tem feito um trabalho de revitalização e aperfeiçoamento destes traços que se caracteriza como um dos pontos fortes da questão cultural indígena. A pintura traz uma relação com a natureza, entre si com o sagrado algo que mostra nosso modo de viver, entender e ver o mundo, demonstrando um pouco do que somos e sobre a realidade em que vivemos.

A pintura Pataxó é utilizada em ocasiões específicas, nos momentos sagrados. Como ela faz parte das características dos Pataxó, é possível encontrá-las em feiras, exposições, encontros, seminários, congressos regionais e nacionais. Porém, é somente em nós indígenas que elas têm a sua significação plena. Empregamos a pintura em diversos eventos culturais, desde uma apresentação em que falamos sobre nossa cultura a uma grande manifestação. A seguir iremos apresentar alguns momentos em que fazemos uso dessa nossa característica.

4.1 Os Jogos Indígenas



Imagem 25: Guerreiros no cabo de guerra. Fonte: Well Souza. 2016.

Os Jogos Indígenas Pataxó foram criados com o objetivo de diversão e fortalecimento cultural em nossas aldeias. Realizado no mês de abril, acrescentou-se o intuito de celebrar o dia 19 de abril (dia do índio). Os jogos são organizados por lideranças e a comunidade participa em equipes, tendo, na maioria das vezes, equipes de outras comunidades Pataxó convidadas pela coordenação. Toda aldeia realiza os seus jogos e cada equipe realiza treinos antes de se apresentarem. Essas equipes possuem um padrão de pintura (ou adereço) específico para representá-las, seja ela no traço diferente de outra equipe, ou nas cores diferentes tipos e cores diferentes.

O evento é composto pelas seguintes modalidades: Arremesso de Takape (lança), onde os atletas têm que arremessar o takape o mais longe possível; Arco e flecha, em que é determinado um alvo com pontuações, tendo como objetivo acertar a maior pontuação (o olho do peixe ou o centro do casco da tartaruga); Corrida Rústica, em que os atletas correm determinada distância, sendo, os vencedores, os primeiros colocados de cada categoria, divididas em masculino e feminino; Corrida de Maracá, por equipe, em que os competidores devem correr individualmente até determinado ponto e retornar com o maracá na mão sem cair e passar para o outro prosseguir com a corrida; Corrida com Tora, feito em dupla, separados por competidor, em lados opostos do trajeto, sendo que um primeiro sai, com a tora nas costas, e passa ao parceiro do outro lado do trajeto, e este volta ao lado inicial com a tora,

finalizando a dupla que terminar primeiro; Cabo de guerra, que é realizado em equipe, cada uma segurando um lado da corda, que possui um laço no meio, assim, eles puxam-na, tendo que aproximar o laço para seu lado da equipe; Futebol, reconhecido como paixão nacional, foi adaptado aos jogos indígenas; Canoagem, em que cada representante de equipe tem que remar uma determinada distância sobre um caiaque, sendo vencedor aquele que cumprir o percurso primeiro; Zarabatana, assim como o arco e flecha, existe um alvo com pontuações tendo, como objetivo, acertar a maior pontuação; *Patiú Miukay*, uma luta corporal em que temos que pegar o pé do nosso oponente e derrubar o maracá ou uma pequena tora no centro do círculo em volta dos atletas.

Essas Modalidades demonstram habilidades de caçar, preparo físico e trabalho em equipe. Os Jogos Indígenas são um momento em que podemos notar uma grande variedade de pinturas, onde, de certa forma, nos inspiramos e aprendemos diversos traços e desenhos envolvidos na pintura. Nos jogos, encontramos parentes de outras comunidades e compartilhamos essas pinturas, no simples detalhe de visualiza-las. Encontramos desde crianças aos anciões pintados, mostrando, assim, o valor que possuem. Temos na competição dos jogos, o desfile da *ihé* e *kitok baixú*, que tem como um dos critérios de beleza, avaliar a criatividade nos traços desenvolvidos pelo corpo e a localização de suas cores.



Imagem 25: Guerreira arremessando o Takapé Pataxó. Fonte: Well Souza. 2016.



Imagem 26: Jovem pataxó no Arco e Flecha. Fonte: Well Souza. 2016.



Imagem 27: Pataxó na corrida de maracá. Fonte: Well Souza. 2016.



Imagem 28: Guerreiro na Zarabatana. Fonte: Well Souza. 2016.

4.2 Formaturas Culturais



Imagem 29: Formatura alunos do ensino médio Pataxó Coroa Vermelha. Fonte: Well Souza. 2016.

Em nossas Formaturas, algo que as escolas indígenas trouxeram do não indígena e que foram adaptadas a nossa realidade e cultura, vem se consolidando a formatura cultural e, com este evento, a pintura toma espaço e relevância. Nas formaturas nas universidades também fazemos tais adaptações, o momento único na qual nos pintamos e nos caracterizamos, fazendo, assim, a demonstração da nossa cultura neste momento importante para todos nós estudantes.

As formaturas são realizadas nas escolas na colação de grau do Fundamental I para o Fundamental II, e do Fundamental II para o Ensino Médio, tendo como realidade as nossas vivências e identidades, com o objetivo de fortalecimento cultural de nossas vivências étnicas. Temos também o curso de Formação Intercultural para Educadores indígenas da UFMG, em que vem sendo realizadas as formaturas dentro de nossas realidades e contextos, sendo uma das primeiras universidades a preparar esta ocasião de relevância para o povo indígena Pataxó. Esse evento ajuda a desenvolver no aluno sua vida enquanto indígena em vivência com a comunidade, diferenciando-o de outras realidades, em que utilizam das becas para se formar; no nosso caso com nossos adereços e pinturas estamos conectados com todo conhecimento tradicional de nosso povo e mostrando à comunidade não indígena da UFMG quem realmente somos.



Imagem 30: Formandos UFMG turma Ciências Sociais e Humanidades. Fonte: Henrique Teixeira, 2013.



Imagem 30: Formandos fundamental I alunos pataxó Coroa Vermelha. Fonte: Awoy Pataxó, 2013.

4.3 Os casamentos tradicionais



Imagem 31: Casal no casamento tradicional. Fonte: Acervo de Juliana Santos, 2013.

Nós Pataxó casávamos muito cedo, ao contrário de outras culturas, que tem toda uma preparação (namoro e noivado). Nossos mais velhos contam que quando um indígena se interessava por outro, era arremessada uma pedrinha sobre a pretendente, se ela arremessasse de volta ela não possuía interesse sobre aquele pretendente, caso ela guardasse consigo a pedrinha ela também sentia algo por ele. Muito das vezes as moças fogem das casas dos pais para a casa do pretendente, após festas nas comunidades dedicadas na maioria das vezes a santos padroeiros das aldeias (São Braz, São Sebastião entre outros). As moças fogem pelo medo de contar seu interesse aos familiares ou pela não aceitação dos pais ao relacionamento. Esse casamento é o modo antigo como os Pataxó fundavam uma família, alguns indígenas ainda seguem essa tradição hoje, mas são poucos os casos, antes a idade desses noivos iam dos 12 à 16 anos, e logo depois a moça engravidava, formando, assim, uma nova família na comunidade.

Hoje com métodos contraceptivos e novos conhecimentos de mundo introduzidos nas aldeias, os casamentos têm acontecido mais tarde, assim o casal tem se preparado para esse momento. Com o resgate da nossa identidade étnico-cultural, criamos uma cerimônia para celebrar essa união, a uma preparação do guerreiro, provas que demonstram se pretendente responsável pela aquela família poderá mantê-la. Demonstrado o interesse do casal em se

unir, eles procuram o cacique ou pajé de sua comunidade para celebrar esse enlace cultural. Inicia-se com a preparação dos adereços, das pinturas que possuem, de certa forma, um maior destaque, comparado ao não indígena que, no casamento, utiliza sua melhor roupa. Nós, indígenas, usamos a pintura destacando-a mais, mostrando, assim, através dela, a alegria de estar se casando.

Duas provas definem as qualidades do noivo durante a cerimônia, na primeira o guerreiro deve carregar uma tora (de madeira) equivalente ao peso da esposa, mostrando assim que a qualquer situação de perigo ou de enfermidade ele poderá carrega-la, a segunda deve ser uma caçada a um *Catitú* (porco do mato), provando que poderá alimentar sua companheira e suas futuras crianças. Cumpridas essas provas, ele demonstra que é digno de assumir sua esposa; assim, o Pajé ou Cacique os abençoa e eles fazem a troca de seu cocar: o noivo coloca seu cocar na cabeça dela e a noiva coloca o cocar dela na cabeça dele. Finalizando com um *Awê* junto com os parentes e amigos. Após os casamentos, as pinturas mudam, não utilizamos mais as pinturas de solteiros que tem mais detalhes, e passamos a usar traços mais simples que não chamem muita atenção, já que a pintura identifica o estado civil de cada indígena. Estas cerimônias variam de aldeia por aldeia, mais ela acontece dessa forma na Reserva da jaqueira.



Imagem 32: Noivo carregando toro. Fonte: Acervo de Juliana Santos, 2013.



Imagem 32: Noiva acompanhada das kitokhé. Fonte: Acervo de Juliana Santos, 2013.



Imagem 33: Fotos dos noivos em destaque as pinturas. Fonte: Acervo de Juliana Santos., 2013.

4.4 Ritual Awê



Imagem 33: Kakusú com o maracá entoando o awê. Fonte: Well Souza, 2016.

No ritual *Awê*, a pintura se faz necessário, por ser o momento de contato com nossos anciões e com a natureza, e por ser o movimento mais antigo do nosso povo, passado de geração a geração. Buscamos, nesse ritual, a comunhão com nossos parentes e entramos em contato com a natureza em nosso redor; nele, a dança e o canto são elementos essenciais para que possamos estar todos em harmonia e celebrarmos juntos as festividades de nossas comunidades. O *Awê* acontece em nossas aldeias, com os próprios membros pertencentes dela; nos reunimos em fila ou círculo, de acordo a música cantada, homens de um lado e mulheres de outro.

Iniciamos o *Awê* sempre com a oração Pataxó, sendo ela *Kanã Pataxí*, ou outra denominada como oração, logo depois damos segmento com as músicas em *Patxôhã* ou em português, que são as mais antigas. Em algumas músicas as mulheres puxam por ter necessidade de um tom feminino, em outras os homens puxam por necessidade de uma voz mais forte. Utilizamos o maracá para dar ritmo, que nos acompanha como instrumento musical muitas vezes guiado pelos homens outras vezes guiados por homens e mulheres.



Imagem 34: Casal puxando o Awê. Fonte: Well Souza, 2016.



Imagem 34: Equipe entrando na arena com Awê Pataxó. Fonte: Well Souza, 2016.

5. Considerações finais

Neste trabalho, nós como pesquisadores de nosso povo Pataxó, procuramos refletir sobre a invisibilidade e a visibilidade das pinturas corporais pataxó, com um pouco de conhecimento sobre a realidade do nosso povo nesse processo sócio histórico. Buscamos escrever sobre as mudanças e transformações que ocorreram com as pinturas pataxó. Podemos afirmar que as pinturas passaram por um grande processo de mudanças, as quais ampliamos essa diversidade de pinturas que aparecem dentro e fora das aldeias pataxó e nos movimentos da construção histórica do povo.

Com base em nossa pesquisa, podemos observar também que com o massacre a que chamamos de “fogo de 51”, nossa cultura foi adormecida, devido à discriminação e ao medo de ser massacrado novamente. Com a cultura “adormecida”, nossas pinturas também se adormeceram, assim como outros aspectos culturais do nosso povo, pois qualquer elemento que viesse fortalecer a nossa identidade étnica, seríamos reconhecidos e poderíamos sofrer novamente. Por um determinado momento, nós indígenas, passamos por uma invisibilidade do que realmente somos, para não sermos oprimidos.

Após a criação da Constituição Federal de 1988, tendo nossos direitos garantidos, retomamos nossa cultura que se adormeceu, podendo assim fazer um trabalho de revitalização e passando a mostrar, deste modo, o que realmente somos, dando uma visibilidade maior ao nosso povo.

Nós Pataxó temos cada vez mais explorado as matérias-primas que ajudam a preparar o grafismo em nosso corpo, buscando meios de facilitar e inovar a pintura corporal pataxó em nossos eventos, dando a ela grande destaque e, deste modo, fortalecendo nossa identidade étnica.

Na cultura pataxó, as pinturas fazem parte de nossa história, e, assim, identificamos como povo. Não basta buscarmos um significado nos grafismos, é preciso entender, compreender e, acima de tudo, conhecer a origem das pinturas dos traços e da cultura e seus valores que construímos no decorrer da nossa história. A sensação de estar pintados nos faz sentir como se estivéssemos em uma armadura, ela é uma marca que faz parte do nosso corpo, e vem como uma segunda pele, que revela a nossa resistência, persistência e preparação para lutar e garantir nossos direitos quanto indígenas.

Consideramos importante a memória do nosso povo Pataxó na trajetória de nossa pesquisa, com ênfase sobre a Pintura Corporal e a Identidade Pataxó. Dentro de cada tema pesquisado sobre as pinturas, procuramos contribuir para que as memórias e histórias do nosso povo possam estar registradas e que possam servir como fonte de pesquisas futuras para demais parentes pataxó e outros que se interessarem.

Referências

ALDEIA PATAXÓ DA JAQUEIRA. *Manual das atividades do etnoturismo na Reserva Pataxó da Jaqueira*. Rio de Janeiro: Museu do Índio – FUNAI, 2011.

BAHIA, SECRETARIA DE EDUCAÇÃO. *Leituras pataxó: raízes e vivências do povo pataxó nas escolas*. Salvador: MEC/ FNDE/ SEC / SUDEB, 2007.

BOMFIM, Anari Braz. *Patxohã, “Língua de guerreiro”*: um estudo sobre o processo de retomada da língua Pataxó. Dissertação (Mestrado em Estudos Étnicos e Africanos) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia, Salvador. 2012.

LAGROU, Els. *Arte indígena no Brasil: agência, alteridade e relação*. Belo Horizonte: C / Arte, 2009.

POVO PATAXÓ. *Inventário cultural Pataxó: tradições do povo Pataxó do extremo sul da Bahia*. Bahia: Atxohã / Instituto Tribos Jovens (ITJ), 2011.

VIDAL, Lux (Org.). *Grafismo indígena: estudos de antropologia estética*. São Paulo: Studio Nobel; Editora da Universidade de São Paulo; FAPESP, 1992.